XVIII ANNO PORTO, 15 DE OUTUBRO DE 1896 NUMERO 20

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — *Carta apostolica do nosso Santo Padre Leão XIII sobre as Ordenações anglicanas.* — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.mo snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *Congresso!* pelo ex.mo snr. Dom Antonio d'Almeida. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre a paga de certo salario.* — SECÇÃO LITTERARIA: *Engeitada*, Facto, pelo ex.mo snr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *O levita d'Ephraim; — S. Gal, Abbade*, pela redacção. — SECÇÃO NECROLOGICA: pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

**Gravuras:** *O levita d'Ephraim; — S. Gal, Abbade*

O LEVITA D'EPHRAIM

## CARTA APOSTOLICA

DO

# NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII

PAPA PELA DIVINA PROVIDENCIA

## SOBRE AS ORDENAÇÕES ANGLICANAS

LEÃO BISPO

SERVO DOS SERVOS DE DEUS

*Para perpetua memoria*

Damos á mui nobre nação ingleza uma grande parte da Nossa solicitude e da Nossa affeição apostolicas, pelas quaes nos esforçamos, com o auxilio da sua propria graça, por imitar e traçar, segundo o Nosso cargo, o Grande Pastor das ovelhas, Jesus Christo Nosso Senhor. Esta benevolencia, que professamos para com ella, affirmou se principalmente na carta que, no anno passado, dirigimos particularmente «aos Inglezes, procurando o reino de Christo na unidade da fé.» (*Hebr.* XIII, 20.) Effectivamente, evocamos e lembramos a antiga união d'esta nação com a Egreja, sua mãe, e esforçamo Nos por apressar, excitando nas almas um zelo ardente para orar a Deus, a sua feliz reconciliação. Ainda recentemente, quando, n'uma carta dirigida a todo o universo, Nos aprouve tratar, d'uma maneira geral, da unidade da Egreja, concedemos uma attenção especialissima á Inglaterra, esperando que a Nossa palavra fortificasse os catholicos levando uma luz salutar aos dissidentes.

Apraz-Nos reconhecer uma coisa que faz honra ao bom senso d'essa nação e que prova a solicitude de muitos Inglezes pela salvação eterna: a benevolencia com que foram acolhidas entre elles as Nossas instancias e a Nossa independencia de linguagem, que, na verdade, não se inspiravam em nenhum calculo humano.

Foi no mesmo espirito e com as mesmas disposições que hoje Nos resolvemos a applicar a Nossa attenção a uma questão não menos importante, connexa á primeira, e que egualmente temos a peito. A opinião commum, confirmada mais d'uma vez pelos actos da Egreja e pela sua constante disciplina, considera que entre os Inglezes, no reinado do rei Eduardo VI, pouco depois da epoca em que este povo se separou do centro da unidade christã, um rito completamente novo foi publicamente introduzido na collação das ordens sacras, e que, por consequencia, o sacramento da Ordem, como fôra instituido por Christo, deixou d'existir, assim como a successão gerarchica. Todavia, em tempos mais recentes, e sobretudo n'estes ultimos annos, levantou-se controversia sobre a questão de saber se as sacras ordenações, effectuadas no rito do rei Eduardo, possuem a natureza e os effeitos do sacramento. Esta opinião era defendida, quer sob a forma affirmativa, quer sob a forma dubitativa, não sómente por alguns escriptores anglicanos, mas tambem por um pequeno numero de catholicos, que, pela maior parte, não eram Inglezes.

A razão que movia uns era a dignidade do sacerdocio christão, o desejo de que aos seus padres não faltasse o duplo poder sacerdotal sobre o corpo de Christo. Os outros pensavam facilitar assim, de certo modo, o regresso dos primeiros á unidade. Os dois partidos estavam persuadidos de que, em consequencia dos progressos realisados com o tempo n'este genero d'estudos, e com a apresentação de novos documentos anteriormente esquecidos, a Nossa auctoridade podia opportunamente mandar examinar esta causa. Pela Nossa parte, não desprezando estas opiniões e estes desejos, e dando sobretudo ouvidos á voz da caridade apostolica, julgamos conveniente experimentar, sem excepção, tudo o que, de qualquer modo, podia levar a afastar a perda das almas ou a facilitar a obra da salvação.

Aprouve Nos, pois, consentir, com benevolencia, que a causa fosse submettida a julgamento, afim de que, graças á perfeição soberana d'uma nova discussão, qualquer pretexto para a menor duvida fosse afastado para o futuro. Por isso, escolhendo um certo numero d'homens eminentes pela sua sciencia e pela sua erudicção, e cujas opiniões divergentes sobre este assumpto Nós conheciamos, os encarregamos d'estabelecer por escripto os argumentos em apoio da sua opinião; tendo os em seguida mandado vir junto de Nós, ordenamos-lhes que se communicassem os seus escriptos, e, se fossem necessarias, para julgar do conhecimento da causa, informações supplementares, as procurassem e pezassem com cuidado.

Providenciamos, além d'isso, para que os encarregados do inquerito podessem livremente consultar, nos archivos do Vaticano, os documentos já conhecidos que julgassem conveniente examinar, e procurar tambem documentos ineditos. Quizemos tambem que elles tivessem ao seu dispôr todos os actos do Nosso conselho sagrado, chamado supremo, conservados sobre a questão e tudo o que haja sido publicado até hoje pelos homens mais sabios nos dois sentidos. Uma vez munidos d'estes auxilios, quizemos que elles se reunissem em sessões especiaes, sessões que se effectuaram em numero de doze, presididas por um Cardeal da Santa Egreja Romana, designado por Nós, e em que todos tiveram a livre faculdade de sustentar a sua opinião. Emfim, ordenamos que todas as actas d'essas sessões, juntas aos outros documentos, fossem submettidas aos Nossos Irmãos os Cardeaes, e que estes, depois de terem meditado a questão e de a haverem discutido deante de Nós, Nos dissessem cada um a sua opinião.

Tendo estabelecido assim este processo, era justo não passar ao exame intimo da causa antes de ser mui claramente estabelecido em que situação ella já se encontrava segundo as prescripções da Santa Sé e as tradições precedentemente implantadas; tradições cuja origem e valor muito convinha apreciar.

Foi porisso que examinamos primeiro que tudo os principaes documentos pelos quaes os nossos predecessores, a pedido da rainha Maria, dedicaram particulares cuidados á reconciliação da Egreja de Inglaterra. Porque Julio III enviou para este fim o Cardeal Reginaldo Polo, inglez d'origem, homem adornado de muitos meritos, na qualidade de legado *a latere*, «como seu anjo de paz e de dilecção», e lhe deu poderes extraordinarios e instrucções para o modo como devia conduzir se [1], poderes e instrucções que Paulo IV attestou e confirmou depois.

Para bem avaliar o valor que teem os documentos acima mencionados, é necessario basear-se sobre o facto de que a missão de que fallam, não era indifferente á questão das ordenações anglicanas, mas lhe dizia respeito de um modo particular Se, com effeito, os poderes concedidos por estes Pontifices ao legado apostolico, diziam respeito unicamente á Inglaterra e á situação da religião n'este paiz; do mesmo modo as instrucções dadas por elles ao mesmo legado, a pedido d'este ultimo, não podiam referir-se ás decisões geraes sem as quaes as ordenações não são validas, mas deviam dizer respeito particularmente ao caso das ordenações sacras n'esse reino, como o exigiam os tempos e as circumstancias.

Além da evidencia que resalta da propria natureza e da forma d'estes mesmos documentos, é claro egualmente que teria sido absolutamente estranho, para um Pontifice, instruir de qualquer modo condições geraes que são necessarias para desempenhar as funcções sacerdotaes um legado cuja sciencia tinha brilhado até no seio do concilio de Trento.

---

(1) Feito no mez de agosto de 1553 pelas lettras sob o sello: *Si ullo unquam tempore* e *Post nuntium Nobis*.

Aquelles que tenham isto em consideração verão facilmente por que na carta de Julio III ao legado apostolico, datada de 8 de março de 1554, se faz distincta menção em primeiro logar dos padres que, *promovidos segundo o rito e legitimamente*, deviam ser mantidos nas suas ordens, e em segundo, d'aquelles que, *não promovidos ás ordens sacras*, podiam a ellas *ser promovidos*, se fossem considerados *dignos e aptos*.

Alli são notadas d'uma maneira certa e definitiva, como na realidade existiam duas classes d'homens: d'uma parte aquelles que tinham realmente recebido as ordens sacras, quer antes do schisma d'Henrique, quer posteriormente e por intermedio dos ministros implicados no erro e no schisma, mas segundo o rito catholico costumado; d'outra parte aquelles que tinham sido ordenados segundo o rito d'Eduardo, e que, por causa d'isso, podiam *ser promovidos* porque tinham recebido uma ordenação não valida.

Que foi este o designio do Pontifice, está claramente confirmado pela carta do mesmo legado, de 29 de janeiro de 1555, transmittindo os seus poderes ao Bispo de Norwich. Além d'isso, é mister sobretudo considerar o que a propria carta de Julio III diz dos poderes pontificios que devem ser exercidos livremente mesmo em favor d'aquelles a quem a consagração *foi dada menos regularmente e sem conservar a fórma costumada da Egreja*: por estas palavras eram certamente designados aquelles que tinham sido consagrados segundo o rito d'Eduardo, porque além d'este e do rito catholico, não havia então nenhum outro em Inglaterra.

Esta verdade tornar-se ha ainda mais clara se nos recordarmos da embaixada que o rei Filippe e a rainha Maria, segundo o conselho do Cardeal Polo, enviaram a Roma no mez de fevereiro de 1555.

Os delegados reaes, tres homens completamente eminentes e dotados de todas as virtudes, entre os quaes Thomaz Thirlley, Bispo d'Elis, tinham por fim instruir minuciosamente o Pontifice da condição da religião em Inglaterra, e pedir-lhe em primeiro logar que ratificasse e confirmasse o que o legado tinha feito para a reconciliação d'este reino com a Egreja. Para este fim foram levados ao Pontifice todos os documentos escriptos que eram necessarios, e as partes do novo ordinal que diziam principalmente respeito a este assumpto.

Tendo Paulo IV recebido magnificamente a delegação, tendo sido estes testemunhos *discutidos com cuidado* por alguns Cardeaes seguros, e *depois de madura deliberação*, deu, a 20 de junho do mesmo anno, sob o seu sêllo, a carta *Præclara carissimi*. N'esta carta, depois d'uma plena approvação e ratificação dos actos de Polo, são dadas as seguintes prescripções pelo que diz respeito ás ordenações: «Aquelles que foram promovidos ás ordens ecclesiasticas por um outro que não por um Bispo ordenado segundo o rito e legitimamente, serão obrigados a receber de novo estas mesmas ordens.»

Quem eram esses Bispos que não eram ordenados segundo o rito e como era necessario, é o que os documentos inclusos e os poderes applicados a este respeito pelo legado claramente indicaram: eram aquelles que tinham sido promovidos ao episcopado ou ás outras ordens, *non servata forma Ecclesiæ consueta*, ou *non servata Ecclesiæ forma et intentione*, como o proprio legado escrevia ao Bispo de Norwich.

Ora, não eram outros senão aquelles que tinham sido promovidos segundo a nova fórma ritual, que tambem tinha sido examinada attentamente pelos designados Cardeaes.

E' tambem necessario não passar em silencio um periodo da mesma carta pontificia, que se applica perfeitamente a este respeito, e em que, entre aquelles que não podem lucrar a dispensa, são contados os homens que «obtiveram de maneira nulla e de facto tanto as ordens como os beneficios ecclesiasticos.»

Ter obtido as ordens de maneira nulla é a mesma coisa que tel-as recebido por um acto vão e sem nenhum effeito, *invalidamente*, como nos diz a propria palavra e a linguagem usual, sobretudo quando a mesma affirmação é feita da mesma maneira pelo que toca aos *beneficios ecclesiasticos* que, depois das formaes disposições dos santos canones, eram manifestamente nullos quando tenham sido conferidos com um vicio que os invalida.

Acrescente-se a isto que, como alguns hesitavam sobre o ponto de saber quaes os Bispos que podiam ser olhados como ordenados segundo o rito e regularmente, na intenção do Pontifice, este, pouco tempo depois, a 30 de outubro, publicou uma outra carta em forma de Breve. Dizia: «Para fazer desapparecer tal hesitação e querendo acalmar a consciencia d'aquelles que tinham sido promovidos ás ordens durante o schisma, exprimindo mais claramente os designios e a intenção que tivemos n'essa carta, declaramos que os unicos Bispos e Arcebispos, que não foram ordenados e consagrados segundo a forma da Egreja, não podem ser considerados como ordenados segundo os ritos e regularmente.»

Se esta declaração não devera applicar-se ao estado actual da Inglaterra, isto é ao Ordinal de Eduardo, o Pontifice não teria publicado uma nova carta para *destruir a hesitação ou prover á serenidade da consciencia*. Por outro lado, foi d'esta maneira que o legado comprehendeu os ensinos e as ordens da Sé apostolica, aos quaes obtemperou regular e religiosamente: tal foi tambem o procedimento da rainha Maria e d'aquelles que, com ella, empregaram os seus cuidados em procurar o restabelecimento da religião e das instituições catholicas.

A auctoridade de Julio III e de Paulo IV, que Nós invocamos, põe claramente em evidencia a origem d'esta disciplina que foi observada constantemente durante mais de tres seculos, a saber: que as ordenações segundo o rito d'Eduardo devem ser consideradas como invalidas e nullas; esta disciplina é amplamente confirmada pelo testemunho de numerosas ordenações que em Roma mesmo foram frequente e absolutamente renovadas segundo o rito catholico.

A mesma observancia d'esta disciplina é um grande apoio para a Nossa these.

Se, com effeito, alguem tinha ainda duvida sobre o sentido em que devem ser comprehendidos estes documentos pontificios, o adagio applica-se aqui bem: *O costume é o melhor interprete das leis*. Pois que se tem sempre considerado como um principio certo e estabelecido na Egreja, que não é permittido conferir de novo o sacramento da Ordem, era absolutamente impossivel que a Sé apostolica soffresse e tolerasse em silencio tal costume. Ora não sómente ella o tem tolerado, mas o approvou e sanccionou, todas as vezes que se tratou de julgar sobre este ponto algum caso particular.

Assignalaremos especialmente dois factos d'este genero, entre muitos outros que foram submettidos ao Conselho supremo; um do anno de 1684, relativamente a um calvinista francez; e o outro, no anno de 1704, o de João Clemente Gordon; ambos tinham recebido as ordens segundo o rito de Eduardo.

No primeiro caso, depois d'um minucioso inquerito, numerosos consultores annunciaram por escripto as suas respostas que se chamam *votos*, e outros se uniram a elles para se pronunciarem em favor da *invalidade da ordenação*; entretanto, em attenção a outros motivos d'opportunidade, aprouve aos Cardeaes responder: *Differido*.

Os mesmos actos repetidos e pesados encontram-se no segundo facto: pediram se, além d'isso, novos votos dos consultores, fizeram se intervir eminentes doutores da Sorbonna e de Douai, e não se negligenciou nenhum dos meios

que suggere uma prudente sabedoria para conhecer o negocio a fundo.

E' necessario notar tambem que, ainda que Gordon de que se tratava e alguns consultores, entre outros motivos para declarar a nullidade, tivessem invocado a ordenação de Parker, segundo o que se pensava, este ponto foi completamente posto de parte na sentença, como mostram os documentos dignos d'uma inteira confiança, e não se allega outra razão que uma *falta de forma e d'intenção*

Para poder julgar d'esta forma de uma maneira mais completa e mais segura, tomou se a precaução de procurar qualquer exemplar do Ordinal anglicano, ao qual se comparavam as formas d'ordenação de diversos ritos do Oriente e do Occidente.

Depois Clemente XI, com a adhesão dos Cardeaes de quem o negocio dependia, decretou na sexta-feira, 17 d'abril de 1704: «Que João Clemente Gordon seja ordenado integral e absolutamente a todas as ordens sacras e sobretudo ao sacerdocio, e porque não fôra confirmado, recebeu primeiro o sacramento da confirmação.»

Esta sentença, importa notal-o, não teve mesmo em consideração uma falta da *tradição dos instrumentos*: cujo caso era prescripto pelo costume de que a *ordenação fosse conferida sub conditione*. Importa ainda mais considerar que esta mesma sentença do Papa diz respeito d'uma maneira geral a todas as ordenações anglicanas. Comquanto ella se referisse, com effeito, a um caso especial, não se apoiava entretanto sobre um motivo particular, mas sobre um *vicio de forma*, de que são affectadas todas as ordenações, de tal modo que, todas as vezes que de futuro era necessario decidir d'um caso similhante, se communicou este mesmo decreto de Clemente XI.

E visto que assim é, todo o mundo comprehenderá que a controversia resuscitada nos nossos dias, fez anteriormente o objecto d'uma definição da Sé apostolica: póde succeder que, por falta de serem conhecidos sufficientemente os documentos, qualquer escriptor catholico não tenha hesitado em discutir livremente sobre este ponto.

Mas porque, como dissemos no principio, nada mais temos a peito do que prestar aos homens animados de boas intenções o auxilio d'uma grande indulgencia e d'uma grande caridade, temos prescripto que o Ordinal anglicano, sobre o qual repousa principalmente todo o debate, seja de novo examinado com muito cuidado.

No rito que diz respeito á constituição e administração de qualquer sacramento, distingue-se com razão entre a parte *ceremonial* e a parte *essencial*, o que costuma ser chamada a *materia* e a *forma*; todos sabem que sendo os sacramentos da nova lei os signaes sensiveis e efficazes d'uma graça invisivel, devem significar a graça que elles produzem e produzir a graça que elles significam.

Esta significação, comquanto deva referir se a qualquer rito essencial, a saber á materia e á forma, diz respeito principalmente á forma, porque a materia é uma parte que não é determinada por si mesma, mas que se determina pela segunda.

E' o que se manifesta claramente no sacramento da Ordem cujo elemento natural, como Nós temos occasião de examinar agora, é a imposição das mãos: esta certamente não significa em si mesmo nada de determinado e é empregada, seja para certas ordens, seja para a confirmação.

Quanto ás palavras que, até á epoca mais proxima, teem sido consideradas por certos anglicanos como a forma propria da ordenação sacerdotal, a saber: *Recebei o Espirito Santo*, não designam de modo algum, d'uma maneira definitiva, o sacerdocio ou a sua graça e o seu poder, que é sobretudo o poder de «consagrar e d'offerecer o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue do Senhor.» (Concilio de Trento, sess. 23, do sacramento da Ordem, can. I), no sacrificio «que não é uma simples commemoração do sacrificio consummado sobre a cruz.» (Sess. 22, Do sacrificio da missa, can. III).

Mais tarde, em verdade, a forma d'este sacramento foi augmentada com estas palavras: *Ad officium et opus presbyteri*; mas isso não faz senão convencer-nos mais que os proprios Inglezes viram que esta forma era incompleta e não apropriada ao seu objecto. Esta mesma addição, se por acaso podesse dar á forma uma legitima significação, foi introduzida muito tarde, tendo decorrido um seculo depois da adopção do Ordinal de Eduardo; sendo então extincta a gerarchia, o poder de ordenar não existia.

Foi em vão que ultimamente, para as necessidades da causa, outros accrescentaram orações ás do mesmo Ordinal. Com effeito, para não fallar dos diversos motivos que mostram que as orações do rito anglicano não bastam ao seu objecto, este argumento prima sobre todos os outros. Eliminou-se para este fim tudo o que no rito catholico indica claramente a dignidade e os deveres do sacerdocio. Certamente não póde ser a fórma conveniente e sufficiente d'um sacramento, aquella que passa em silencio o que devia especificar expressamente.

O mesmo succede com a sagração episcopal. Com effeito, não sómente as palavras *ad officium et opus episcopi* foram accrescentadas muito tarde á formula *Accipe Spiritum Sanctum*, mas tambem, como em breve diremos, estas palavras devem ser interpretadas de modo differente de que é no rito catholico. De nada serve invocar sobre este ponto a oração que serve de preambulo *Omnipotens Deus*, poisque tambem se supprimiram as palavras que designavam o sacerdocio supremo. Não é util, por certo, examinar aqui se o episcopado é o complemento do sacerdocio ou uma ordem que é distincta d'este, ou se, conferido como se diz *per saltum*, isto é, a um homem que não é sacerdote, tem um effeito ou não.

Mas é fóra de duvida que, segundo a mesma instituição de Christo, o episcopado se refere verdadeiramente ao sacramento da Ordem, e é um sacerdocio d'um grau excellente, poisque, na linguagem dos Padres e no nosso ritual, é chamado «o sacerdocio supremo, o apice do ministerio sagrado.» D'isto resulta que, pois que o sacramento da Ordem e o verdadeiro sacerdocio de Christo foram completamente banidos do rito anglicano, e pois que, seguindo na sagração episcopal o mesmo rito, o sacerdocio não é de modo algum conferido, o episcopado não póde ser conferido verdadeira e regularmente; tanto mais que, entre as principaes funcções do episcopado, se encontra a de ordenar ministros para a santa Eucharistia e para o sacrificio.

Mas para apreciar d'uma maneira exacta e completa o Ordinal anglicano, pondo de parte os caracteres postos em evidencia por algumas das suas partes, nada, certamente, é tão efficaz como examinar com cuidado em que circumstancias accessorias foi estabelecido e publicado.

Seria longo, e não é necessario, passal-as em revista umas após outras; a historia d'essa epoca mostra assás eloquentemente com que espirito os auctores do Ordinal estavam animados para com a Egreja catholica; que apoios recrutaram entre as seitas heterodoxas, e, emfim, a que tendiam os seus projectos.

Sabendo muito bem o laço que existe entre *a fé e o culto, entre a lei da crença e a lei d'oração*, desfiguraram de muitas maneiras a liturgia, inçando a dos erros dos Novadores a pretexto de lhe restaurar a forma primitiva. Por isso, não sómente, em todo o Ordinal, não se faz, abertamente, menção do sacrificio, da consagração, do sacerdocio, do poder de consagrar e d'offerecer o sacrificio, mas tambem todos os vestigios concernentes a taes instituições, que subsistiam nas orações do

rito catholico em parte conservadas, foram tiradas e apagadas com o cuidado que já mostramos.

Assim, o caracter e o espirito originaes, como se diz, do Ordinal, apparecem por si mesmos. Se, desde o principio, estando maculado de vicio, não podia ter nenhuma efficacia para as ordenações, do mesmo modo no decorrer dos seculos, porque está tal qual era, devia ficar invalido.

Fizeram, pois, vãos esforços aquelles que, desde o tempo de Carlos I, tentaram admittir qualquer parte do sacrificio e do sacerdocio, pois que nenhuma addicção foi feita ao Ordinal: são vãos tambem os esforços d'alguns anglicanos que, agregados recentemente em numero pouco consideravel, julgaram que este mesmo Ordinal póde ser reclamado e interpretado n'um sentido são e regular.

Estes esforços foram e são vãos, dizemos nós, e isto ainda por outro motivo: é que se algumas palavras no Ordinal anglicano, tal como está agora, parecem ambiguas, não podem entretanto revestir o mesmo sentido que teem no rito catholico. Com effeito, uma vez adoptado um novo rito que nega ou desnatura o sacramento da Ordem, e que repudia toda a noção de consagração e de sacrificio, a formula: *Accipe Spiritum Sanctum* perde o seu valor, porque esse Espirito penetra na alma com a graça do sacramento; do mesmo modo perdem o seu valor estas palavras: *ad officium et opus presbyteri* ou *Episcopi* e outras similhantes que continuam sendo palavras sem a realidade instituida por Christo.

A força d'este argumento é reconhecida pela maior parte dos proprios anglicanos, que interpretam religiosamente o Ordinal; oppõem no francamente áquelles que, interpretando-o d'uma nova maneira e animados por uma vã esperança, attribuem ás Ordens assim conferidas um valor e uma virtude que não teem. Este raciocinio, mesmo por si só, refuta tambem a opinião d'aquelles que pensam que a oração: *Omnipotens Deus, bonorum omnium largitor*, que está no principio do ritual, póde bastar para a forma legitima do sacramento da Ordem. O referido argumento conservaria o seu valor se esta oração podesse, por acaso, ser considerada como sufficiente em qualquer rito catholico que a Egreja tivesse approvado.

A este intimo *vicio de forma* está ligada a *falta de intenção* que é necessaria á essencia do sacramento. A Egreja não julga do pensamento e da intenção quando ella é por si mesma alguma coisa d'interior, mas deve julgar esta intenção quando se manifeste exteriormente. Assim, quando alguem empregou seriamente, e segundo o rito, a materia e a fórma necessarias para fazer e conferir um sacramento, é por isso mesmo considerado como tendo tido a intenção de fazer o que faz a Egreja.

E' n'este principio que se apoia a doutrina, segundo a qual um sacramento é valido quando é conferido pelo ministerio d'um heretico ou d'um homem não baptisado, comtanto que seja segundo o rito catholico. Ao contrario, se o rito é modificado, com o designio manifesto d'inaugurar um outro não admittido pela Egreja, e de regeitar aquelle de que se serve a Egreja, aquelle que está vinculado pela instituição de Christo á natureza do sacramento, é então evidente que não sómente faltou a intenção necessaria no sacramento, mas tambem que existe uma intenção contraria e hostil ao sacramento.

Todas estas coisas as pesamos muito e durante longo tempo com Nosco e com os Nossos veneraveis Irmãos nos julgamentos do Nosso conselho supremo. Aprouve Nos até convocar especialmente esta assembleia em Nossa presença, no dia 16 de julho ultimo, quinta feria da commemoração da festa de Nossa Senhora do Monte Carmello. Os nossos conselheiros concordaram em reconhecer que a causa proposta tinha já sido, ha muito tempo, plenamente instruida e julgada pela Sé apostolica; que o novo inquerito aberto a este respeito não fizera senão demonstrar, de uma maneira mais luminosa, com que justiça e sabedoria a questão tinha sido resolvida.

Todavia julgamos conveniente sobreestar na Nossa sentença, a fim de melhor resolvermos se convinha e era util declarar de novo a mesma coisa pela Nossa auctoridade, e chamar sobre Nós, pelas nossas supplicas, maior abundancia da divina luz. Considerando em seguida que este mesmo ponto de disciplina, ainda que já definido canonicamente, é controverso por alguns—qualquer que seja o motivo da controversia—e que d'isso poderia resultar uma causa de perniciosos erros para numerosas pessoas que pensam encontrar o sacramento da Ordem e os seus fructos onde não estão, pareceu-Nos conveniente publicar a Nossa sentença no Senhor.

Eis porque, conformando-Nos a todos os decretos formulados pelos Pontifices, Nossos predecessores, na mesma causa, confirmando-os plenamente e renovando os de certo modo pela Nossa auctoridade, por Nossa propria iniciativa e de sciencia certa, Nós pronunciamos e declaramos que as ordenações conferidas segundo o rito anglicano teem sido e são absolutamente vãs, inteiramente nullas.

Resta Nos, visto que é na qualidade de «Grande Pastor» e com disposições pastoraes que emprehendemos publicar a certissima verdade d'uma coisa tão grave, exhortar aquelles que desejam e procuram com uma vontade sincera os beneficios das Ordens e da gerarchia. Talvez até agora, excitando o ardor da sua virtude christã, consultando mais piedosamente as Escripturas, redobrando as suas santas orações, se tinham ligado com incerteza e anciedade á voz de Christo, que os advertia ha muito tempo no seu coração. Vêem agora com clareza para que este Bom Pastor os convida e de que lado quer dirigir os seus passos. Se voltarem ao seu unico aprisco, obterão então os beneficios desejados e os auxilios que d'ahi resultam para a salvação, auxilios de que Elle mesmo confiou a administração á Egreja, como guarda perpetua da sua Redempção e sua procuradora entre as nações. Então «beberão na alegria as aguas das fontes do Salvador», que são os seus sacramentos magnificos, pelos quaes as almas fieis, purificadas verdadeiramente dos seus peccados, reentram na amizade de Deus, são alimentadas e fortificadas do pão celeste, e encontram os maiores soccorros para conquistar a vida eterna. Se teem verdadeiramente sêde d'esses bens, que «o Deus de paz, o Deus de toda a consolação» lh'os conceda e os cumule d'elles na sua bondade.

Mas queremos que a Nossa exhortação e os Nossos votos se dirijam de uma maneira especialissima áquelles que são considerados pelos que os rodeiam como ministros da religião. Que esses homens, que são superiores aos outros, em virtude das suas funcções, pela sciencia e auctoridade, e que certamente teem a peito a gloria de Deus e a salvação das almas, sejam os primeiros a apressar-se com ardor a obedecer docilmente a Deus que os chama, e a dar um illustre exemplo. E', por certo, com extraordinaria alegria que a Egreja, sua mãe, os receberá, os rodeará de suas bondades, de suas attenções, como é natural fazel-o com homens que uma virtude mais generosa, atravez de difficuldades particularmente arduas, tenham feito reentrar no seu seio. Não se póde imaginar o louvor com que esta virtude será acolhida nas assembleias dos seus irmãos, atravez do universo catholico, que esperança e que confiança ella lhes dará um dia deante de Christo, seu juiz, e que recompensa esse Christo lhes reserva no reino dos céos! Quanto a Nós, tanto quanto temos podido, não temos cessado d'impellil-os á reconciliação com a Egreja, na qual, quer isolada-

mente, quer em massa—o que ardentemente desejamos — podem escolher muitos exemplos para imitar. Entretanto, peçamos todos, com supplicas, pelas entranhas da misericordia do nosso Deus, que elles se prestem a secundar fielmente a acção evidente da verdade e da graça divina.

Decretamos que esta carta e que todas as coisas que n'ella são contidas não possam, em tempo algum, ser taxadas ou accusadas de qualquer falta d'addição, de subtracção ou d'intenção da Nossa parte ou de qualquer outra falta; mas são e serão sempre validas e na sua força, e deverão ser inviolavelmente observadas por todas as pessoas, de qualquer grau ou preeminencia que estejam revestidas, quer em juizo, quer fóra de juizo; declarando vão e nullo tudo o que possa ser-lhe augmentado seja por quem fôr, de qualquer auctoridade que esteja revestido e sob qualquer pretexto que seja, sciente ou inconscientemente; e nada de contrario poderá pôr-lhe obstaculo.

Queremos além d'isso que os exemplares d'esta carta, mesmo impressos, visados todavia pela mão do Nosso escrivão e munidos de sello por um homem constituido em dignidade ecclesiastica, façam fé como faria fé a significação da Nossa vontade se se lêsse na presente carta.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no anno mil oitocentos e noventa e seis da Incarnação do Senhor, nas idas de setembro, no anno decimo nono do Nosso Pontificado.

*C.*, Card. DE RUGGIERO
*A*, Card. BIANCHI,
*Pro datarius*
*Visa*
*De Curia I. De Aquila e Vilecomitibus*
*Loco ✠ Plumbi.*
*Reg. in Secret. Brevium.*
I. CUGNONI.

# SECÇÃO HISTORICA

## Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

*(Continuado da pag. 199)*

CCLXVI

### P. Luiz Valois

ESTE religioso da Companhia de Jesus foi um dos mais famosos auctores de mystica no seculo XVII. Nasceu em Melun (França), no anno de 1630. Teve estreita amizade com o Abbade de Fenelon, que depois foi Arcebispo de Cambray. E bastava esta circumstancia para tornar recommendavel o jesuita Luiz Valois.

Fenelon, conhecendo o seu grande merito e o seu talento para educar devidamente um principe e excital-o á virtude por meio da direcção, do exemplo e dos conselhos, inculcou o P. Valois a Luiz XIV para confessor do duque de Borgonha, seu neto.

Não podia o rei de França fazer melhor escolha para um encargo tão importante, difficil e melindroso: o jesuita Luiz Valois exerceu-o com toda a dignidade. Elle, assim como outros homens celebres e eminentes que cooperaram no mesmo ministerio, fizeram do duque de Borgonha um principe virtuoso, que infelizmente não chegou a reinar, mas foi pae de Luiz XV.

Para se avaliar os dotes do P. Valois, basta o testimunho de Ramsay na sua *Historia da vida de Fenelon*. Este historiador professava a religião protestante, mas depois abraçou o catholicismo.

Eis o que elle diz na obra citada cuja primeira edição, publicada em Haya, em 1723, eu possuo:

«O P. de Valois, jesuita, indicado por Mr. o Abbade de Fenelon para ser confessor do principe, era um verdadeiro religioso que tinha conservado no meio da côrte todas as virtudes do seu estado.»

Que mais é preciso dizer? Falleceu este santo religioso, que todos consideravam como um homem de Deus, em Paris no anno de 1700.

As suas obras mysticas, que constam de 3 volumes, são cheias de luz e de unção, e occupam um logar honroso entre as que tratam d'este ramo da litteratura christã.

Escreveu tambem um pequeno livro contra as doutrinas de Descartes; não sei, porém, qual o objecto da sua critica. E' sabido que aquelle philosopho teve muitos e grandes contradictores a algumas das suas opiniões.

—

CCLXVII

### P. Francisco José Desbillons

Para dar uma cabal ideia d'este illustre jesuita, que foi um dos maiores litteratos da França no seculo XVIII, seria necessario escrever um longo artigo: mas segundo o nosso systema, e porque o espaço que temos não comporta grande extensão, compendiaremos esta noticia.

Nasceu o P. Francisco José Desbillons na diocese de Bourges (França), a 26 de janeiro de 1711. Tinha 16 annos quando se alistou na Companhia de Jesus, da qual foi um denodado e valente soldado. Pois, como é sabido, a Ordem de Santo Ignacio é o mais aguerrido exercito, sempre collocado na vanguarda contra os inimigos da Fé, contra todos os erros.

Ensinou por muito tempo humanidades, e principalmente rhetorica, em Caen, Nevers, La Fleche e Bourges, e depois esteve até 1762 no collegio de Luiz o Grande em Paris

Sendo em 1763 expulsos da França os jesuitas, o P. Francisco José retirou-se d'este paiz e procurou asylo em Manheim, onde foi protegido e estimado pelo eleitor Palatino Carlos Theodoro.

E é de notar que este principe era um dos amigos de Voltaire e favoreceu bastante a philosophia encyclopedista. Mas, como presava as sciencias e amava os sabios, protegeu sempre os jesuitas e especialmente o P. Desbillons. Fez o mesmo que Frederico II, rei da Prussia.

O jesuita Desbillons esteve no collegio de Manheim até á sua morte, que succedeu a 19 de março de 1789. Foi sempre muito considerado pelo eleitor Palatino.

Este jesuita doutissimo escreveu varias obras em prosa e verso, em latim e francez, sobre diversos assumptos scientificos e religiosos. O seu latim é purissimo e d'algum modo imita o do seculo de Augusto.

Ha d'elle um poema em latim que tem por titulo—*Ars bene valendi*: Arte de ter boa saude. E' um poema bem escripto, engraçado e de boa latinidade.

O P. Desbillons declara-se contra o uso do café, do chá e do chocolate. Lá tinha suas rasões.

E' certo que elle era um homem muito erudito e uma boa pessoa. A seu respeito diz um critico: «A sua modestia egualava a sua erudição. Fallava pouco, mas sempre com justeza e circumspecção, evitava ver o mundo e só via aquelles que o iam ver.»

Possuiu uma bellissima e muito selecta bibliotheca que deixou em testamento á Congregação de S. Lazaro e á bibliotheca eleitoral de Manheim.

*(Continua.)*

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

# SECÇÃO CRITICA

## Congresso!

—

No setembro d'este anno realisou-se em Orvieto (Estados-Pontificios) um congresso eucharistico, sendo o terceiro da mesma sacra especie celebrado n'estes dias: Padua, Fiesoli, Orvieto. Esta ultima cidade não se julgou menos obrigada a testemunhar a sua adoração e desaggravo ao sacramento

S. GAL, ABBADE

do altar, por aquelle modo! Orvieto é muito especialmente ligado e faz parte da historia do Santissimo Sacramento, pois que foi n'aquella cidade que por bulla de Urbano VI foi instituida a festa do Corpo de Deus!

Bastaria este facto para assignalar Orvieto na historia da hostia consagrada!

O congresso eucharistico de Orvieto foi celebrado com uma magnificencia de primeira ordem e com um concurso lusidissimo e numerosissimo; como adjacencia realisou-se uma exposição de arte sacra que foi motivo de alta admiração!

Um escriptor enthusiasmado pela altissima referencia de Orvieto á historia da hostia consagrada designou aquella cidade: «*La cittadella dell'Eucaristia, e dei suoi miracoli*».

Se em Portugal não ha uma cidade de onde parta o convite para ser congregado o congresso eucharistico, haja um homem que n'um descampado arme uma barraca e d'esta faça convocação aos portuguezes eucharisticos e aquelle descampado se tornará em cidade, pelo menos durante o congresso eucharistico. Para armar a barraca nós estamos promptos, mediante o divino auxilio, a ser cooperario.

E' mister atacar esse torpor que faz com que se não realise tanta cousa boa! e bem certo é: *Sine labore non est gloria* = sem trabalho não ha gloria.

Entre os bons portuguezes ainda falta o desenvolvimento de acção catholica que se dá n'outras nações, como é exigido de modo especial n'estes tempos; já faltou mais, está-se áquem, sem que aliás faltem os meios pessoaes para que se chegue além; um bocadinho de Communa (que por certo não desejamos) serviria como despertador.

Ha dous para tres annos que appareceu em Portugal a ideia de congresso eucharistico a realisar-se n'este reino e foi apontado com solidos argumentos o *ubi* para sua realisação; durante áquelle periodo tem-se realisado differentes congressos eucharisticos em varios paizes sem grandes intervallos, e alguns ao mesmo tempo.

A questão de fundos não é dirimente mesmo cá em casa, pois que a pequena joia de cada congresso dará o sufficiente; e se não houver mais damascos de ornamentação, mais luzes, mais musica, etc. tudo isto é secundario, pois que a maior grandeza e belleza do congresso eucharistico consistirão no proprio congresso.

Homens de boa vontade no sentido angelico, mostrae que a tendes!

Haja decisão para que se congregue o congresso eucharistico, embora n'uma aldeia que, segundo dissemos, se tornará cidade; o venerando Prelado respectivo approvará e abençoará, como é certa a benção de Deus pelo seu vigario na terra!

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

# SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

## Actos da Santa Sé

### Sobre a paga de certo salario

JOANNA P., viuva, de R., expoz á Santa Sé que dois filhos seus serviram por espaço de cinco annos como clerigos ou sacristães na egreja de S. Pedro e S. Paulo, por cujo serviço lhes devia 338 liras e 62 centimos o seu ultimo beneficiado José Marella; mas em vão tinha reclamado esta quantia á curia episcopal. Acrescentou que então se achava a oradora de cama por causa d'uma enfermidade muito grave ha muito tempo, sem ter a quem recorrer para pedir soccorro, pelo que, prescindindo de toda a reclamação perante os tribunaes civis, preferia acolher-se á benignidade da Santa Sé, supplicando lhe fosse satisfeita a dita quantia, por quem devesse satisfazel-a.

O Em.mo Bispo informou que as petições feitas pela viuva mereciam ser ouvidas, e que a quantia devia ser paga pelos filhos de José Marella.

Allegadas brevemente perante a Sag. Cong. dos Bispos e Regulares as razões favoraveis ao direito dos sacristães por um lado e as favoraveis á parte contraria por outro, formulou-se a seguinte pergunta: «Se José Marella está obrigado a pagar aos sacristães de R. a somma de 338 liras e 62 centimos n'este caso.» E a Sag. Cong., em 7 de de março de 1884, respondeu: *Affirmativamente em absoluto.*

DEDUCÇÕES:

1.ª Ninguem póde pôr em duvida que os beneficiados devem cumprir os encargos dos seus beneficios, particularmente se os impuzeram a si mesmos por um compromisso especial; porque *quod semel placuit, amplius displicere non debet.*

2.ª Entre os encargos do sacerdote J. M. estava o de servir temporalmente, por si ou por outro, o officio de sacristão da egreja «archipresbyteral», cujo encargo lhe correspondia emquanto fosse beneficiado apresentado pelo padroeiro Colonna.

# SECÇÃO LITTERARIA

## ENGEITADA

Facto

E vives no mundo só
Sem protecção de ninguem?
— Dizem que tenho uma mãe
Que me engeitara sem dó
Por obediencia a alguem!

— Mas é mulher abastada,
Segundo o povo murmura.
— Talvez; mas a desventura
Nasceu com a desgraçada
Que só conhece... a tortura!

— Ai filha, que sorte a tua!
Teres teros, e não tel-os;
Paes, amigos, e não vêl-os;
Lar, e vagar pela rua;
Irmãos, e não conhecêl-os!

Mas Deus habita na altura,
E punindo a inclemencia...
Ou antes a truculencia
Dos auc ores da loucura,
Velará... tua innocencia!...

— Sim, mas sem casa nem braza,
Sem fatos, sem pão, sem nada...
— Fazes-me pena, coitada!
Offreço-te a minha casa,
Terás fatos, pão, criada...

— E o pudor da engeitada
Aos quatorze annos de idade?
— Nada temas, puridade,
Serás minha desposada,
Se for da tua vontade.....

— E posso eu acreditar
Em tão risonha ventura?
— Não duvides, virgem pura,
Porque ao homem de pensar
Agrada sempre a candura!

— Se n'este sonho ha verdade
E no sonhado prudencia,
Pudeis dispôr de Terencia.
— Ainda bem, puridade,
Deus velou tua innocencia!

ALVES D'ALMEIDA.

# SECÇÃO ILLUSTRADA

## O levita d'Ephraim

(Vid. pag. 221)

UM levita que morava na vertente da montanha d'Ephraim desposara uma mulher de Bethleem na tribu de Judá. Essa mulher tinha-o abandonado e voltara para casa de seu pae, onde estava havia quatro mezes. Como elle a amava loucamente, foi procural-a para lhe testemunhar a sua affeição e reconciliar-se com ella. O sogro recebeu-o perfeitamente e a mulher, commovida pelo seu proceder, prometteu-lhe esquecer tudo e voltar com elle.

Tres dias se passaram em festas e banquetes. Ao quarto dia o levita levantou-se muito cedo e fez todas as suas disposições para a jornada. Mas o sogro deteve-o dizendo-lhe: «Ainda vaes comer alguma cousa antes de te ires embora, para teres força, e depois te porás a caminho.» Assentaram-se, comeram e beberam um e outro. O sogro instou depois tanto com elle que o obrigou a passar mais aquelle dia com elle.

No dia seguinte passou-se a manhã como na vespera; e o sogro tornou a pedir ao genro que adiasse a partida. «Considera, lhe dizia elle, que o dia vae muito adiantado e que está a chegar a noite. Fica pois tambem hoje em minha casa, eu farei todas as diligencias para passarmos alegremente a noite, e ámanhã partirás para regressar a tua casa.»

O levita vendo que todos os dias appareciam novos pretextos para o demorar, não esteve para tornar a ceder ás instancias de seu sogro. Partiu com a mulher, um creado e duas bestas de carga. Effectivamente era mais tarde do que elle pensava, e ainda não tinham chegado ás proximidades da fortaleza de Jebus (Jerusalem), quando o creado, reparando que o dia já ia a declinar, propôz ao amo que parassem na terra dos Jubuseus, e alli passassem a noite. «Não, respondeu o levita, não estou resolvido a entrar n'uma cidade povoada d'infieis. Só lá hei de encontrar filhos de Chanaan e nem um só filho de Jacob. Mais vale irmos até Gabaa e repousar no meio dos nossos irmãos da tribu de Benjamin.»

Quando chegaram á dita cidade, assentaram-se na praça publica, sem que apparecesse pessoa que os quizesse recolher e dar-lhes agasalho. Um velho que tambem era da montanha de Ephraim, e que recolhia dos campos no fim do trabalho, vendo o levita na praça publica com a sua pequena bagagem, aproximou-se d'elle e lhe disse: «D'onde vens e para onde vaes?—Nós saimos, lhe respondeu o levita, de Bethleem em Judá e voltamos para nossa casa que se acha na vertente da montanha d'Ephraim. Mas antes d'isso desejavamos ir a Silo, onde está a arca de Deus. Chegamos agora mesmo aqui, e ninguem nos quer recolher, apesar de termos palha e feno para os nossos jumentos, pão e vinho para mim e para as pessoas que me acompanham, e não pedirmos mais do que um abrigo.»

O velho, que conhecia os costumes dos Gabaitas, avisou-o de que se não deixasse ficar alli porque não estaria seguro, e convidou-o a ir para casa d'elle. Recebeu-o com a maior cordialidade. Mandou dar de comer aos animaes, elle proprio lavou os pés dos hospedes e preparou-lhes um verdadeiro banquete.

Ainda estavam á mesa, a descançar das fadigas da jornada, quando ouviram bater á porta. Eram os homens de Gabaa que a Escriptura chama filhos de Belial, isto é, homens desenfreados e desatinados, que tinham investido a casa do velho e vinham pedir que lhes fossem entregues os estrangeiros.

O velho horrorisado saiu e tentou dissuadil-os de seu criminoso intento.

«Livrae-vos, lhes disse elle, de praticar uma tão má acção, porque eu recebi este homem como meu hospede e não posso assim faltar aos deveres da hospitalidade.» O levita, aturdido, não sabendo o que havia de fazer para serenar aquelles furiosos que a nada se moviam, abandonou-lhes sua mulher, esperando que a sua debilidade os desarmasse e que não se atreveriam a ultrajal-a.

Mas as suas esperanças foram muito illudidas. Durante toda a noite elles trataram a desgraçada creatura d'um modo tão barbaro, que ao amanhecer expirou deitada no limiar da porta do velho que lhes tinha offerecido hospitalidade. O marido, encontrando-a assim estendida, julgou que estaria dormindo. «Levanta-te, lhe disse elle, vamos continuar a nossa jornada.» Como ella não respondesse, deitou-lhe a mão e reconheceu que era cadaver.

A sua dôr era tão profunda que não pôde derramar uma só lagrima. Mas tomou o corpo inanimado d'aquella que tanto amara, pôl-o sobre um dos jumentos e dirigiu-se para sua casa. Quando lá chegou, pegou d'uma faca e partiu o corpo da mulher em doze pedaços, os quaes mandou ás doze tribus, pedindo-lhes vingança d'um similhante attentado.

Ao vêrem isto os Israelitas exclamaram: «Nunca similhante crime foi commettido em Israel desde o dia em que nossos paes saíram do Egypto. Reunamos todas as tribus e vinguemos com o nosso sangue o ultrage que nos foi feito.»

A indignação foi tão geral que todos os filhos de Israel se puzeram em campo e se reuniram como um só homem em Maspha, para onde tinham transportado a arca santa. Todos os chefes do povo e os homens armados de todas as tribus acudiram desde Dan até Bersabée e desde o Mar Magno até ao paiz de Galaad. Acharam-se em numero de quatrocentos mil, e tendo ouvido o levita fazer a narração do que lhe succedera em Gabaa, juraram não voltar aos lares sem ter feito com que a cidade criminosa expiasse a abominação que commettera.

Todo Israel se achou assim ligado como um só homem contra os Gabaitas. Todas as tribus, tendo a tal respeito um só pensamento e um só plano, enviaram aos Benjaminitas embaixadores para lhes dizerem: «Porque razão uma acção tão horrivel foi commettida entre vós? Entregae-nos os Gabaitas que praticaram essa infamia, para que morram e assim desappareça o mal do meio d'Israel.»

Os Benjaminitas deram-se por offendidos de verem que as outras tribus se tinham ingerido n'um negocio que só devia ser julgado por elles, e por esse motivo não tinham querido enviar representantes á assembleia geral que se reunira em Maspha. Quando os intimaram a entregar os culpados, consideraram esse passo como outro attentado á sua independencia, e recusaram acceder ás propostas que lhe eram feitas.

As tribus irritadas não tiveram a prudencia de consultar o Senhor antes de tomarem uma decisão. Escutando apenas o resentimento, votaram ao anathema não só a cidade de Gabaa, onde o crime fôra commettido, mas tambem a toda a tribu que a tomava debaixo de sua protecção. Juraram de não dar quartel nem a homens nem a mulheres, e passar ao fio da espada até as creanças de ambos os sexos. Todas as tribus prometteram com juramento, que, no caso d'alguns Benjaminitas escaparem á morte, nenhuma d'ellas lhes daria em casamento mulheres do seu sangue. Este juramento irreflectido implicava o exterminio da tribu e a sua aniquilação. Os Benjaminitas saíram de todas as cidades da sua tribu, e reuniram-se em Gabaa para a defenderem contra todas as forças d'Israel. O seu exercito apenas contava vinte e cinco mil homens, fóra os habitantes de Gabaa que constituiam uma tropa escolhida de setecentos fundibularios, tão adestrados em despedirem pedras com as suas fundas, que poderiam, no dizer da Escriptura, tocar um cabello, sem que a pedra se desviasse nem sequer para um ou outro lado.

As tropas todas das outras tribus elevavam-se a quatrocentos mil homens, mas o Senhor não estava mais satisfeito com o procedimento d'Israel do que com a teimosia de Benjamin. Consentia na destruição d'estes ultimos porque apoiavam o crime dos Gabaitas, mas tambem queria humilhar os outros porque toleravam entre elles os idolatras que era do seu dever exterminar, e que de mais a mais confiavam mais nas suas proprias forças do que na protecção divina.

Comtudo antes de emprehenderem a facção, mandaram a Silo consultar o Senhor e perguntar-lhe quem devia marchar á testa do exercito para atacar os filhos de Benjamin. Tendo Deus respondido que havia de ser Judá, pozeram-se em marcha assim que rompeu o dia e vieram acampar junto de Gabaa. Pozeram cerco á cidade, mas á primeira sortida os Benjaminitas mataram-lhes vinte e dous mil homens.

Este desastre affligiu-os sem comtudo lhes tirar a confiança que tinham em si. Continuando a fiar-se no seu numero, que era mais de quinze vezes superior ao dos sitiados, deram-lhes outro assalto que não foi mais feliz do que o primeiro; deixaram dezoito mil homens no campo, ao passo que as perdas dos Benjaminitas foram quasi nullas.

Comprehenderam então que Deus queria convencel-os da sua propria impotencia e da necessidade que tinham d'invocar o seu auxilio. Fizeram pois oração, jejuaram até á noite, offereceram holocaustos e hostias pacificas ao Senhor, e o consultaram depois de terem derramado copiosas lagrimas. O Eterno respondeu-lhes por intermedio do summo sacerdote, Phinéas, que afinal podiam confiadamente atacar os Benjaminitas, porque elle lh'os entregaria nas mãos.

O exercito d'Irael foi dividido em tres corpos. O primeiro, composto só de dez mil homens, devia avançar contra Gabaa e atrahir o inimigo para fóra das muralhas. Tinham ordem de fugir á primeira investida e de se reunir depois de espaço a espaço de modo que fossem levando os Benjaminitas para bem longe da cidade. Tinham postado em certo sitio o corpo mais numeroso dos Israelitas que estavam embuscados n'um arvoredo, e que deviam cair inopinadamente sobre os inimigos no momento em que elles já julgassem segura a victoria.

De noite tinham mandado occultar ao occidente de Gabaa o terceiro corpo, que estava encarregado de metter-se na cidade abandonada, na occasião em que os Benjaminitas fossem em perseguição dos primeiros assaltantes. Deviam deitar-lhe fogo, de modo que o fumo do incendio fosse a um tempo signal e estimulo para os que combatessem na planicie.

Este sabio plano foi perfeitamente executado. Tendo os Benjaminitas feito uma sortida como nos anteriores assaltos, viram-se subitamente cercados de milhares d'espadas e perderam nos differentes pontos vinte e cinco mil homens.

Apenas mil e seiscentos combatentes escaparam a tão horrivel carnificina, fugindo precipitadamente para o deserto, onde se refugiaram na rocha de Remmon.

* *

## S. Gal, abbade

(Vid. pag. 227)

S. Gal,—segundo diz o Padre Croiset, a quem pertence o que vae ler-se—era irlandez, de familia distincta no paiz, menos ainda por sua qualificada nobreza, do que por sua notoria bondade, exemplar e celebrada virtude.

Nasceu ahi por meados do sexto seculo; e como seus piedosos paes consideravam por primeira e principal obrigação a boa educação de seus filhos, logo que ensinaram ao menino Gal os primeiros principios da vida christã, desde sua mesma infancia o offereceram a Deus no mosteiro de Bencor, sito no

paiz de Ultonia, para que fosse educado em seu santo temor e no estudo das lettras debaixo da disciplina de S. Columbano, cuja virtude universalmente applaudida acrescentava muito esplendor, e tornava então mui celebre aquelle mosteiro. Era o menino Gal de tão bellas inclinações, de uma propensão tão natural para todo o bem, de engenho tão vivo, tão perspicaz, e por outra parte tão docil, que em breve tempo fez maravilhosos progressos na sciencia dos santos e na intelligencia das Sagradas Escripturas, de maneira que explicava com admiravel clareza os logares mais escuros e difficultosos.

Nem esquecia o estudo das lettras humanas por se dedicar ás sagradas, antes, bem ao contrario d'isso, cultivava cuidadosamente o admiravel engenho que tinha para a poesia, ainda que só o exercitava em assumptos piedosos; S. Columbano estava egualmente prendado da candura, como da habilidade de seu querido discipulo.

Era abbade e fundador d'aquelle mosteiro S. Congal. Este, admirando as bellas qualidades do mancebo, e conhecendo pelos dons, com que o céo o tinha prevenido, que Deus o destinava para ser santo, admittiu-o á profissão religiosa, logo que teve a edade para fazer votos.

Reinava o fervor no mosteiro; em contacto com tão eximios professores na arte da perfeição, soube-se aproveitar d'elles tão admiravelmente, que a breve praso deixou atraz de si ainda os mais fervorosos.

Sendo o primeiro em todos os actos de communidade, exactissimo na observancia dos regulamentos, humilde, mortificado e devoto, era a admiração e o modelo de todos os seus irmãos; e tanto, que o santo abbade quiz absolutamente que recebesse as ordens sacras, sendo de egual sentir todo o mosteiro.

Sobresaltado o nosso santo, considerando a elevação de semelhante caracter, assustado com a perspicuidade de sua insufficiencia, valeu-se de toda a sua facundia e engenho para persuadir os outros de sua indignidade. Mas todos os esforços de sua modestia só serviram para mais corroborar a primeira resolução do santo abbade; sendo-lhe forçoso obedecer, o mais que pôde conseguir foi por então que não seria promovido ao presbyterado, e que ainda lhe seriam concedidos alguns annos para se effectuar esta elevação ao sacerdocio.

Estava destinado S. Columbano por Deus para passar á França, e suscitar n'este reino o espirito de solidão, de oração e de penitencia que se admirava no Oriente, e que por aquelle tempo estava em honra na Irlanda.

Com este fim e o beneplacito de S. Congal, escolheu doze monges no mosteiro de Bencor para que o acompanhassem, buscando todos algum deserto, onde se dedicassem ás doçuras da contemplação, longe de todo o tumulto. Não se esqueceu S. Columbano de seu querido discipulo S. Gal, pois foi n'elle em quem primeiro poz os olhos. Custou muito aos religiosos de Bencor desfazerem-se d'aquelle precioso thesouro, cujo valor inestimavel bem conheciam; toda a communidade acompanhou com amargo pranto a sahida d'este angelico mancebo, que era sua admiração e seu exemplo. Passaram da Irlanda á Inglaterra, e d'aqui á França pelos annos de 588. Demoraram-se por algum tempo nos estados de Childeberto II, rei d'Austrasia, que muito desejava agasalhar em seus dominios esta santa communidade; mas o amor á solidão moveu-os a buscar algum horroroso deserto, onde unicamente se pudessem entregar á communicação com Deus, desviados do commercio dos homens.

Acharam o que desejavam nos montes Voges, que separam a Lorena da Borgonha e da Alsacia, nos confins dos dois bispados de Toul e Bezançon.

Era um bosque esteril, sombrio e espantoso, mais azado para habitação de animaes, e por isso mesmo nenhum sitio havia mais do gosto de S. Columbano e de S. Gal. Quasi dois annos se mantiveram n'elle com absoluta falta de todo o necessario para as commodidades da vida; mas abundantemente recompensados com as extraordinarias consolações que recebiam do céo.

Por mais cuidado que empregaram os nossos santos para viverem escondidos e ignorados de todo o mundo, sua propria virtude os atraiçoou, pois com a fama d'ella concorreram muitos áquelle ditoso deserto para admirarem n'elle um genero de vida verdadeiramente celestial.

Agnoaldo, padre de S. Ayl, e outras muitas pessoas virtuosas fizeram com elles vivas instancias para que se passassem ao territorio da Borgonha, offerecendo-lhes uma casa de campo velha, chamada Luxeu na diocese de Besançon, sita da outra banda dos Vosges. N'ellas fundou S. Columbano um mosteiro; nosso S. Gal foi dos primeiros que abraçou as regras que o proprio S. Columbano prescreveu aos que quizessem viver debaixo da sua obediencia.

Bem cedo foi o nosso santo para todos modelo cabal de fervor, penitencia e observancia, tanto que divulgada sua fama, em breve attrahia um prodigioso numero de religiosos que cada dia acudiam a alistar-se nas bandeiras de Christo sob a disciplina e conducta de tão santos capitães.

Inflammado S. Gal mais e mais no desejo de agradar ao Senhor, passou muitos annos no retiro e no silencio d'aquella doce solidão, até que o Senhor quiz acrysolar sua virtude com novas provas, motivadas pelos desgostos e perseguições que Thierry, rei da Bergonha e successor de Childeberto, excitou contra Columbano e seus discipulos, a instigação de Brunequilda, irritada da liberdade apostolica, com que o santo representara ao rei as desordens que a mesma rainha auctorisava. Foi violentamente arrancado do seu mosteiro o santo abbade, e desterrado para Nantes, d'onde devia passar á Irlanda; em cuja occasião S. Gal, acompanhado de S. Eustaquio, monge do mesmo mosteiro de Luxeu, que depois foi seu abbade, não se considerando em segurança contra os insultos d'aquella princeza, se refugiou na Australia sob a protecção de Theodeberto, seu rei. Encontrou na côrte d'este principe a seu venerando mestre S. Columbano que, arrojado por uma tempestade ás costas de Flandres, tinha vindo ahi procurar asylo, occorrencia ao parecer casual, que encheu de gozo o mestre e o discipulo.

Não se accommodava aos ares da côrte o genio dos dois santos; pediram pois licença ao rei para se retirarem á Italia, mas o religioso principe, que não podia acabar comsigo em deixar sahir dos seus estados estes dois servos de Deus, rogou-lhes que escolhessem em todo o reino o logar que melhor entendessem para servir em paz ao Senhor, instruindo e edificando seus povos. Aceitaram o offerecimento; subindo pelas margens do Rheno, entraram no paiz que agora chamamos dos suissos, adeantando-se pelas margens do Limat até ao termo do lago do Zurich; e entrando pelo territorio do Zug, encontraram um sitio que lhes pareceu mui accommodado para fixar n'elle sua habitação.

Todos os povos comarcãos que jaziam ainda sepultados nas densas trevas da idolatria, trataram de os expulsar d'alli. Compadecidos nossos santos de sua espantosa cegueira, votaram-se a instruil-os na religião christã; mas acharam-nos pouco dispostos a ouvir suas instrucções. Não pôde S. Gal soffrear os impetos de seu zelo, e poz fogo aos templos dos falsos deuses, lançando ao lago as offerendas com tudo o mais que era destinado aos detestaveis sacrificios. Irritados os pagãos de uma acção tão generosa, resolveram tirar-lhe a vida, mas informado a tempo S. Columbano, obrigou-o a retirar-se com seus companheiros, aguardando ensejo mais favoravel para trabalhar na conversão d'aquelles miseros idolatras. Chegados a um logar, chamado Arbon, encontraram-se com um santo sacerdote, chamado Willimar, que, informado de seus intentos, e sabendo que buscavam

sitio apropriado para fundar um mosteiro, deu-lhes noticia de um deserto visinho, d'onde havia ruinas mui antigas que lhes poderiam servir de cellas. Era um deserto espantoso, mas por isso mesmo mui do seu gosto. Encontraram uma capella consagrada a S. Aurelio, mas profanada pelos gentios que tinham dependurado das paredes dois ou tres idolos. Inflammou-se o zelo de S. Gal em presença d'esta abominação; resolveu trabalhar na salvação d'aquella pobre gente na esperança de encontrar a corôa do martyrio. Vendo S. Columbano que S. Gal entendia e falava egualmente a lingua do paiz, não quiz pôr termo a seu zelo.

Chegou o dia da principal festa d'aquelle logar; concorreu enorme quantidade de gentios, movidos da curiosidade de ver os estrangeiros.

Accendeu-se então o zelo de S. Gal; prégou com efficacia e valor verdadeiramente apostolico contra aquellas superstições; demonstrou sua falsidade, sua malicia e impiedade. Seguindo-se depois as obras ás palavras, arranca as estatuas, fal-as pedaços, e arroja ao lago os miseraveis fragmentos. Abençoou Deus o seu zelo. Converteu-se grande numero de gentios; purificou S. Columbano a capella; consagrou-a; poz sobre o altar uma pedra d'ara, e celebrou o santo sacrificio da missa. Foi crescendo aquella communidade, levantaram-se cellas ao redor da capella, fazendo aquella colonia de religiosos triumphar a vida monastica em meio do paganismo.

Respeitava S. Gal a S. Columbano como a abbade que fôra seu, e este tinha sobre aquelle certa superioridade, por virtude da qual o obrigou a que se ordenasse de sacerdote. Com a nova dignidade realçou o esplendor de sua virtude, e subiu muitos graus seu fervor. Posto ter sido sua vida tão perfeita até então, pareceu-lhe que depois de padre o devia ser mais. Chegava-se sempre ao altar possuido de um santo temor. Entregou-se aos rigores de uma penitencia sem limites; era continuo seu jejum; depois de sua morte encontraram-se tão crueis instrumentos de mortificação, que só vel-os causava horror. Por este tempo passou á Italia S. Columbano, e S. Gal ficou em Bregentz; mas uma grave enfermidade obrigou-o a dispôr que o levassem a Arbon, para casa do virtuoso sacerdote Willimar. Logo que se sentiu melhor suspirou por sua amada solidão; ora como o diacono Hiltibod lhe desse noticia de outro deserto ainda mais solitario que o de Bregentz, retirou-se a este. Bastou a sua presença para afugentar as serpentes e as feras que ali se acoutavam.

Chegado a este sitio, plantou antes de mais nada uma cruz, e deu principio com um rigoroso jejum de tres dias, que passou sem tomar cousa alguma, e delineou o risco de uma egreja dedicada á Santissima Virgem, a quem toda a vida consagrou terna devoção, apellidando-a sua querida Mãe.

Ainda que o santo estava tão afastado do commercio dos homens, nem por isso se conservou por largo tempo desconhecido.

Mal se estabeleceu no novo sitio, logo a sua reputação lhe ganhou alguns discipulos.

Formou tão alto conceito de sua virtude o duque Cunzon, senhor d'aquelle paiz, que, tendo uma filha possessa do demonio rebelde a todos os exorcismos, acudiu a S. Gal e ficou livre a donzella. Reconhecido o duque a tão grande beneficio, e confirmado na opinião de sua eminente santidade á vista d'aquelle milagre, tendo vagado por então o bispado de Constança, fez quanto pôde para que S. Gal o acceitasse. Mas estava muito longe de consentir em tal aquelle que se considerava indigno de ser sacerdote, de modo que não foi possivel vencer sua resistencia. Pediram-lhe que ao menos indicasse algum dos seus discipulos para aquella sé episcopal; propoz então o diacono João, formado em sua eschola; admittida a escolha, prégou S. Gal no dia de sua consagração.

Demorou-se por alguns dias junto do novo Bispo, ajudando-o com seus prudentes conselhos, e depois voltou á solidão, erigiu a egreja, cujo risco traçara, fabricando ao redor d'ella doze cellas para os seus discipulos. Tal foi a origem do famoso mosteiro ou da celebre abbadia de S. Gal, que subsiste ainda hoje na Suissa escoltada por uma cidade do mesmo nome, cujo senhor é o abbade com dignidade e assento entre os principes do imperio. Estabeleceu n'elle o nosso santo a disciplina monastica segundo a regra de S. Columbano, honrando-se sempre de ser filho e discipulo seu.

Tendo morrido Santo Eustaquio, abbade de Luxeu, todos os monges elegeram para seu abbade a S. Gal; mas este renunciou aquella abbadia com a mesma decisão, que mostrara na do bispado, não querendo omnimodamente sahir do seu eremiterio.

Aqui viveu alguns annos depois da morte de S. Columbano, que lhe foi revelada por Deus. Ao passo que ia crescendo em edade, ia crescendo em amor ao silencio, á oração e á penitencia, sem que nem a velhice, nem os molestos ataques que a acompanham fossem bastantes para o fazer affrouxar no rigor, com que macerava sua carne, e assim era todos os dias mais fervorosa e mais terna sua devoção. Emfim tendo-o convidado o santo presbytero Willimar para que viesse assistir á festa de sua parochia, aceitou S. Gal o convite, prégando no dia da festa deante de grande affluencia de gentios que haviam concorrido á solemnidade. Tres dias depois cahiu doente; morreu em Aabon da morte dos santos a 16 d'outubro do anno de 646, aos oitenta annos de sua edade, passados a maxima parte em differentes desertos.

## SECÇÃO NECROLOGICA

Falleceu no dia 21 de setembro, na freguezia de Perosinho, Villa Nova de Gaya, a esposa do nosso presado amigo e assignante, snr. Francisco do Couto Guimarães.

A finada era uma senhora verdadeiramente christã.

Aos leitores pedimos as suas orações por alma da finada senhora.

*
* *

Em Peniche, terra da sua naturalidade, falleceu no dia 27 de setembro, ás 10 e meia horas da noite, o snr. Henrique d'Araujo Tavares, que ha mezes estava entrevado.

Morreu cheio de merecimentos A imprensa catholica devia-lhe assignalados serviços, pois foi um dos seus mais zelosos promotores. E as obras de zelo tambem muito lhe deviam, pois trabalhava n'ellas como poucos.

Fez parte da primeira peregrinação portugueza ao Vaticano; e mais tarde foi tambem alli, com o snr. marquez de Monfalim e de Terena, em commissão, para expôr ao Summo Pontifice os sentimentos do nosso povo a respeito de certos pretendentes a mitras.

Aos leitores pedimos as suas orações pelo grande christão que acaba de fallecer.

## RETROSPECTO

### Uma carta de Monsenhor Macario

*L'Univers* recebeu do Egypto participação d'uma carta escripta ao patriarcha copta em Minieh por Monsenhor Macario, vigario patriarchal dos coptas, embaixador extraordinario de Leão XIII junto do Negus.

Esta carta confirma todas as informações dadas por Mons. Macario ao Cardeal Rampolla. Encontra-se n'ella a famosa phrase de Menelik: «o Papa

é Pae de todos nós, e tem o direito de nos escrever e de dizer o que deseja».

O embaixador extraordinario junto do imperador da Ethiopia diz que no dia 14 de agosto, á noite, o Negus lhe enviou uma magnifica tenda, encimada por uma cruz, para lhe servir de capella. No dia da festa da Assumpção 80 soldados italianos assistiram á missa do enviado do Papa. Menelik manifestou o desejo de que os prisioneiros pratiquem os deveres catholicos.

Mons. Macario diz que o Negus merece toda a admiração dos christãos. Exprime a certeza de que o imperador da Etiophia libertará os prisioneiros italianos a pedido do Soberano Pontifice. O vigario patriarchal termina:

«Orem todos os nossos filhos da Egreja alexandrina por Sua Magestade, afim de que Deus cumule a sua gloria, fazendo d'elle um santo rei, que em tudo cumpra a vontade de Deus. Oxalá o grande santo Frumencio, que, por ordem do nosso santo Athanasio, foi o apostolo da Ethiopia, obtenha do Senhor para o imperador Menelik todas as bençãos celestes! Oxalá S. Marcos, nosso pae, e todos os nossos santos patriarchas alexandrinos, intercedam no céo por elle e por todo o seu imperio!»

### Mações desmascarando-se

No ultimo convento maçonico, o snr. Zévaco, vice-presidente do tribunal de Puy, evidenciou-se pelos seus ataques ao snr. Carlos Dupuy, deputado do Haute-Loire, antigo presidente do conselho.

O snr. Zévaco, em nome da loja maçonica, de que o snr. Carlos Dupuy faz parte, reprovou «d'uma maneira absoluta as tendencias clericaes da politica do antigo ministro.»

O snr. Carlos Dupuy dirigiu ao snr. Zévaco a seguinte carta:

«Snr. vice-presidente.—Li, nos jornaes, que v. ex.ª fez no convento maçonico, em nome do *Réveil ancien*, de que é delegado, um vehemente protesto contra as tendencias clericaes da politica do snr. Carlos Dupuy.

«Ignoro se v. ex.ª tinha mandato para se entregar a essa manifestação, nem me preoccupo com isso; mas v. ex.ª devia ter dito ao convento que a sua desconfiança ácerca da politica do snr. Carlos Dupuy datava do dia em que, no meu gabinete da presidencia da camara dos deputados, eu lhe exprimi o pezar de me não poder occupar da sua promoção.

Acceite, snr. vice-presidente, etc. —*Carlos Dupuy.*»

Não deixa de ser curioso vêr o antigo ministro franc-mação declarar que se não preoccupa com saber se foi a Loja que mandou censural-o pelo snr. Zévaco.

### Franciscanos premiados

O sultão enviou á missão que os Capuchinhos franciscanos tem na Armenia 3:000 piastras em reconhecimento da dedicação e abnegação que os pobres religiosos mostraram principalmente durante as perturbações que tem padecido a triste Armenia.

O governo francez enviou tambem aos mesmos missionarios uma medalha de prata que tem gravada n'uma de suas faces: *Republica franceza*, e na outra: *Missão dos Capuchinhos, caridade e dedicação, 1895.*

### Congresso catholico em Salzburgo

Celebrou-se em Salzburgo o quarto Congresso catholico austriaco. Entre as muitas questões ahi tratadas, a questão romana foi das que mais se salientou. O orador, conego Kaltner, baseou todo o seu discurso em documentos historicos e nas Encyclicas pontificias.

O congresso foi imponente, sendo numerosa a concorrencia dos congressistas. A imprensa liberal, mórmente a italiana, viu de mau grado que o governo felicitasse e apoiasse o congresso, sobretudo por causa da questão romana que os congressistas encararam de modo bem diverso dos italianissimos. Este congresso deixou entrever as mais lisongeiras esperanças sobre a unidade da acção catholica tão desejada pela Santa Sé e pelo episcopado.

### Um socialista... pratico

O jornal a *Chambre des propriétaires*, fundado para defender a propriedade contra os ataques do socialismo revolucionario, publica, no seu numero de 1 d'outubro, a lista de novos adherentes.

Entre elles nota-se, ao lado dos snrs. conde de Salverte, marquez de Servy, principe Ruspoli, conde de Ribes, conde de La Rochefoucauld, o snr. *Vaillant (Eduardo) proprietario, rua Buffon, 4, em Montreuil-sous-Bois.*

O proprietario Vaillant (Eduardo) é nem mais nem menos que o antigo vereador municipal Vaillant, deputado socialista revolucionario do Sena, que, no Palacio Bourbon, é um dos mais ferozes adversarios da propriedade.

Um deputado socialista que se manda inscrever n'uma sociedade formada para defeza da propriedade... é um cumulo!

E' verdade que a *villa* do cidadão Vaillant foi recentemente roubada!

### Russos e Padres catholicos

A proposito da visita do tzar a Notre-Dame, *L'Univers* conta o seguinte episodio pouco conhecido da campanha da Russia:

Era durante o incendio de Moscow. As tropas francezas, exasperadas por verem desfazer-se em fumo o fructo da victoria, percorriam as ruas entregando-se a represalias.

Ora Moscow possuia uma egreja catholica cujo recinto formava um terreno assaz espaçoso, coberto na maior parte por casas de madeira onde os estrangeiros indigentes encontravam asylo sempre aberto.

Ao aproximar-se o perigo, mulheres, creanças e velhos refugiaram-se no templo. Quando os soldados se apresentaram, o parocho mandou abrir as portas, e, revestido dos seus habitos sacerdotaes, com o crucifixo na mão, rodeado d'aquelles desgraçados de quem era o unico apoio, avançou com firmeza ao encontro dos assaltantes, que recuaram com respeito.

Informado d'esta nobre attitude, o imperador quiz vêl-o no dia seguinte e convidou-o a regressar a França, mas o abbade Surrague—era assim que se chamava—respondeu simplesmente:

—Não, sire, não posso abandonar o meu rebanho, por que ainda lhe posso ser util.

### Victoria dos catholicos na Austria

As eleições provinciaes da Austria ficarão memoraveis na historia dos catholicos. Os judeus e os sectarios que tyrannisavam o paiz, sob o nome de liberaes, soffreram uma série de desastres, e os catholicos e anti-semitas continuam vigorosamente a campanha tão bem inaugurada pela conquista de Vienna.

Já alcançaram a maioria n'algumas provincias, principalmente na Alta Austria, onde a dieta provincial contará 33 catholicos sobre 50 membros.

A imprensa judia, até agora poderosissima na Austria, exhala suspiros lamentaveis e annuncia que as eleições da Baixa Austria serão tambem desastrosas para ella.

Batidos na Austria, os sectarios judeus, protestantes e livres-pensadores luctam com desespero na infeliz Hungria, que exploram e tyrannisam com uma audacia incrivel.

A camara hungara foi dissolvida. O primeiro ministro, barão Banffy (sectario protestante), conta escamotear uma maioria pelos mesmos processos que os seus predecessores. Mas talvez se engane: os catholicos hungaros não estão dispostos a deixarem-se calcar.

### Erratas

No n.º 19, pag. 212, 4.º periodo, 2.ª lin., deve ler-se—o primeiro historiador conhecido —em vez de—a primeira historia do—5.º periodo, lin 2—ou—e não—ao=6.º per., 1.ª lin —opulentos—em vez de — apostolos = no mesmo, 5.ª lin.—Salem—e não Saleu=2.ª col., 9.º per., 3.ª lin.—Cerez—em vez de Serez= 12.º per., 5.ª lin., loucos que—e não—oucos porque=pag. 213, 1.ª quadra,—Para os pravos em vez de—Para os parvos=e no periodo a seguir—Pensae bem—e não— Pensa e bem.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto